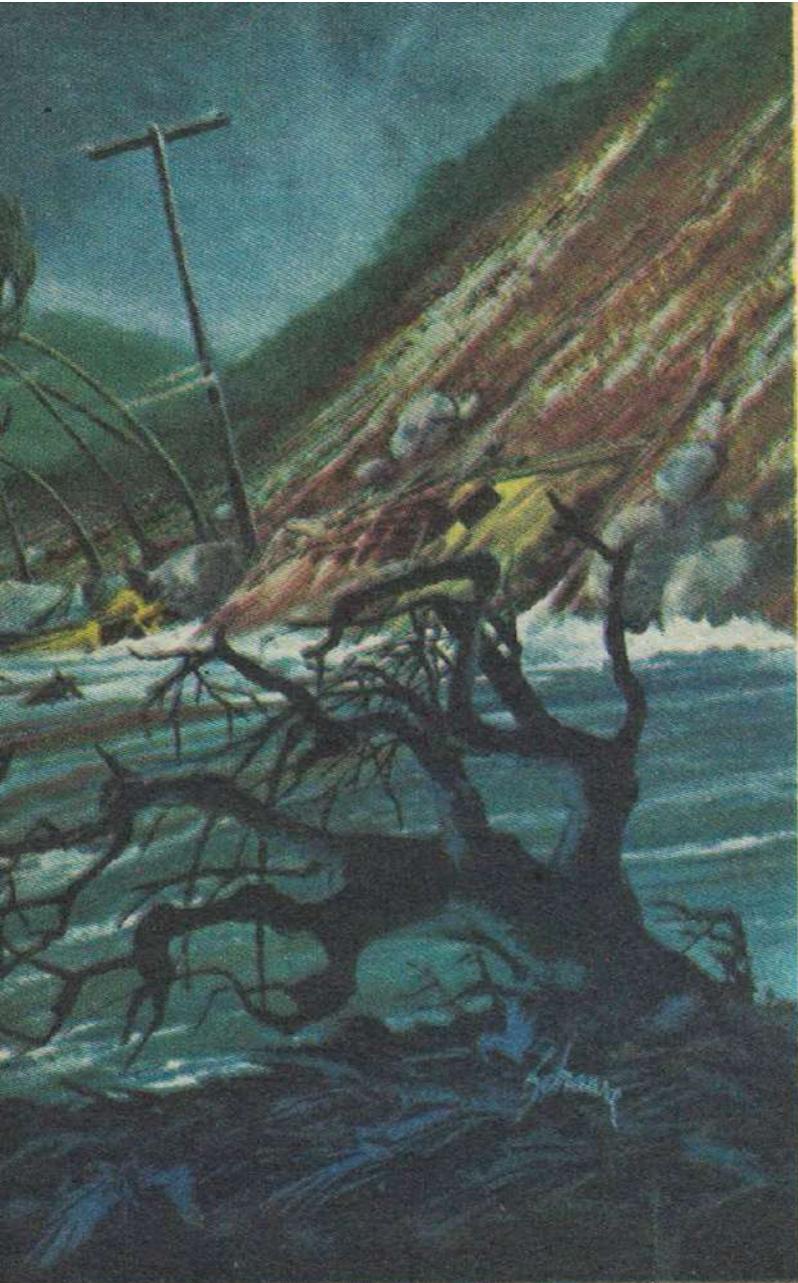




# FURACÃO ASSASSINO!

SCOTT SEEGERS

*Os aldeões das Honduras não ligaram aos avisos.  
De repente, uma forte tromba-d'água  
caiu sobre eles, levando tudo pela frente,  
num dilúvio de morte e de destruição*



**A** PRINCÍPIO, mal se notava. Depois, lentamente, uma camada de ar quente, subindo da superfície aquecida do mar das Caraíbas, começou a rodopiar a sudeste de Porco Rico. À medida que se deslocava para oeste, ia sugando mais ar e umidade para sua órbita, mas até então ainda era uma simples «depressão tropical». Naquele dia, 14 de setembro de 1974, nada parecia indicar que a tempestade iria se transformar num dos piores furacões deste século.

A 2.500 quilômetros, na pequena aldeia de Ocotillo, perto da costa nor-

te das Honduras, Arcadio Gámez, de 40 anos, contemplava seu milharal que se estendia pela encosta da Serra Merendón. O milho estava pronto para ser apanhado. Depois da colheita, a família Gámez e dezenas de outras que constituíam a população de Ocotillo, planejavam uma festa.

Oito quilômetros abaixo, no vale, o mecânico César Améndola dirigia sua *pickup* em direção a casa, em Choloma, cidade de 10 mil habitantes. Tal como centenas de outros moradores, César tinha construído sua casa de dois cômodos com troncos toscos, nas terras baixas e baldias das margens do rio Choloma, um curso-d'água calmo e pouco profundo, de 30 metros de largura. A favela superpovoada era um local alegre, apesar de sua pobreza.

À medida que a depressão tropical se deslocava nitidamente para oeste, através do mar das Caraíbas, ia crescendo e absorvendo cada vez mais água para o seu vórtice ameaçador. Na segunda-feira, 16 de setembro, já tinha recebido o nome de Tempestade Tropical Fifi.

No dia seguinte, Fifi, com ventos de 130 quilômetros por hora nas imediações de seu centro, transformou-se num verdadeiro furacão, um anel negro de nuvens, já com 400 quilômetros de diâmetro, rodopiando em direção às Honduras. O Centro Nacional de Furacões, em Miami, enviou avisos que foram retransmitidos através de toda a América Central pelo rádio e pela televisão. Em Ocotillo, Arcadio Gámez dizia despreocupadamente: «Já tivemos aqui ou-

tros furacões.» Ninguém se importava com a tempestade. A costa norte das Honduras havia sofrido violentas inundações em 1914, 1934 e 1954, mas poucos se recordavam desse interessante ciclo de 20 anos.

Na quarta-feira, Fifi se abateu sobre as cidades costeiras, massacrando-as umas atrás das outras. A gigantesca massa de água em suspensão, que cercava o centro de Fifi, espalhava-se sobre a América Central, desde as Caraíbas até o Pacífico; ao se precipitar, inundou a maior parte da Nicarágua, El Salvador e Honduras. Em questão de minutos, pequenos córregos e ravinas secas se transformaram em torrentes tumultuosas. As águas vindas das montanhas jorravam para os vales. Inúmeros rios transbordaram assustadoramente de seus leitos e inundaram centenas de quilômetros; a água atingia três metros de altura. Milhares de reses tentavam nadar na correnteza, mas se afogavam. Bananais e plantações eram arrasadas pela enorme força da enxurrada. As pessoas se refugiavam em pontos altos, mas, à medida que estes também iam submergindo, elas subiam nas árvores ou eram levadas pela água. Outras trepavam para os telhados de suas casas. Quando estas eram levadas de roldão pela correnteza, alguns sobreviventes agarravam os outros que escorregavam.

Na cidade de El Progreso, o córrego Pelo, normalmente de pequeno caudal, arrancou um pedregulho de dez metros, arrastando-o por alguma distância. Mais de metro e meio de água cobria todas as estradas para o

grande centro industrial e comercial de San Pedro Sula, destruindo os sistemas de abastecimento de água e eletricidade, despedaçando pontes e arrasando fábricas e casas. A 150 quilômetros, na cidade litorânea de La Ceiba, onde cerca de 100 pessoas morreram, um radiamador não identificado usou a bateria de seu automóvel para se manter em contato com o mundo exterior. «Estou sentado na capota do meu carro, e a água já está na altura da porta», disse ele angustiado. «Esta poderá ser minha última transmissão.» E foi.

Fifi descarregou sua maior violência sobre Choloma e outras cidades de ambos os lados da Serra Merendón. Um furacão que se movimenta com lentidão pode provocar uma precipitação de 10 a 25 centímetros de chuva em planícies, mas, em terrenos montanhosos, essa precipitação chega a quintuplicar. Em Choloma, o posto de gasolina Texaco, de Manuel Becerra, está situado num ponto alto. «À medida que a água subia, as pessoas foram chegando de áreas mais baixas», relembra Becerra. «À meia-noite, havia pelo menos 800 refugiados em volta do posto.»

Foi então que o dilúvio começou. «Mesmo quando a chuva é forte, conseguimos distinguir as gotas de água», disse ele, «mas naquele dia, de repente, pareceu que uma compacta cortina de água se abateu do céu.»

A chuva torrencial continuou durante quatro horas. A terra ensopada, nas encostas de Merendón, não agüentou mais. Subitamente, milhares de toneladas de terra, pedras e

árvores deslizaram encosta abaixo. Em Ocotillo, Arcadio Gámez ouviu o estrondo. Saiu a correr, dando tiros para o ar, a fim de alertar os outros vizinhos. Cerca de 40 o seguiram montanha acima. Apavorados, viram todas as casas da aldeia caírem na ravina. «Era como se a montanha estivesse flutuando», declarou Gámez. Trinta e uma pessoas de Ocotillo, menos afortunadas, foram levadas naquele turbilhão de morte, naquela avalanche monstruosa de terras, casas, pedregulhos, gado e enormes árvores.

Minutos mais tarde, oito quilômetros abaixo de Choloma, o rio subiu abruptamente. «Não houve qualquer aviso», afirmou Porfirio Moreno, de 16 anos. «Antes que eu desse por isso, tinha água pela cintura. Vi pessoas sendo arrastadas. Os prédios começaram a cair.»

A terra estremeceu e se ouviu um estrondo como o de um trovão. Também ali a montanha tinha cedido. Reyes Cartagena Romero, lavrador de 51 anos, saltou da cama e ficou com água pela cintura. Arrastou as duas filhas para o telhado; quando este submergiu, empurrou-as para cima de um abacateiro e saltou atrás delas.

Carlos Brizuela Pineda içou três dos seus cinco filhos para cima das vigas. Com dois filhos nas costas, Carlos e a mulher lutaram para alcançar uma árvore. Ele voltou atrás para buscar os outros, precisamente na altura em que um enorme tronco chocou-se contra a casa, como se fosse um aríete, e a esmagou. As crianças desapareceram completamente.

Agustín Laínez Amaya, de 66 anos, cego, sentiu a água arrastando-lhe a cama, e ouviu a família estrebuchando para sair de casa. «Esperei pela morte», confessou ele. «Não tinha muito que perder.» A água em turbilhão arrancou-o de casa e atirou-o contra os ramos de uma árvore aos quais se agarrou. A árvore caiu e o projetou sobre um monte de toras flutuantes. Mais abaixo, na correnteza, Laínez foi recolhido dos destroços. De toda a sua família, só ele sobreviveu.

O dia rompeu sobre uma paisagem apocalíptica. Muitos e muitos hectares de terras estavam cobertos de detritos trazidos pelas águas, e pedaços de pau quebrados formavam montões mais altos que um homem. Diversas aldeias desapareceram e, em algumas, não houve sobreviventes. «No primeiro dia, enterramos 53 numa vala-comum», afirmou Pastor García López. «No dia seguinte, foram 65; depois, por causa do perigo de doenças, passamos a queimá-los com gasolina.»

Menos de 24 horas depois de Fifi ter passado, uma equipe do serviço de salvamento do exército norte-americano, aquartelado no Panamá, sobrevoou em pequenos aviões e helicópteros a região afetada. Na manhã seguinte, sábado, três grandes aviões de carga, Hercules C-130, pousaram em San Pedro Sula com alimentos, aparelhos de purificação de água e diversos técnicos; parte da pista ainda estava inundada. «Quase queimamos os freios para conseguir pousar em tão poucos metros de pista», disse



um piloto. Quatro helicópteros Huey (UH-1) do Panamá sobrevoaram o Norte das Honduras, procurando sobreviventes. Em aldeias isoladas, não atingidas pelas inundações, descarregaram comida e trouxeram os doentes e feridos para bordo.

Os helicópteros estiveram no ar desde o amanhecer até o cair da tarde; nos primeiros sete dias, os quatro fizeram mais de 700 vôos e resgataram cerca de 1.600 pessoas.

A solidariedade mundial foi rápida e generosa. Alimentos, vestuário, utensílios e medicamentos foram enviados dos Estados Unidos, Inglaterra, Canadá, Bélgica, México, Nicarágua, Guatemala, El Salvador, Cuba e outras nações. Um batalhão de engenharia do exército venezuelano montou um acampamento para alojar 800 sobreviventes de Choloma. Médicos e enfermeiras de diversos países se

deslocaram de helicóptero, jipe e em lombo de mula para o interior devastado, a fim de tratar dos feridos.

A ajuda prestada pela população das Honduras foi igualmente espontânea: os funcionários públicos contribuíram com três dias de salário para auxiliar as vítimas; estudantes universitários ajudaram em diversos serviços nos centros de refugiados, e limpavam a lama das estradas.

As 30 famílias que viviam na aldeia de Las Crucitas, isolada no alto da serra, perderam suas plantações nas cheias, mas receberam grande quantidade de milho e feijão, que distribuíram pelas aldeias vizinhas.

Talvez ninguém saiba ao certo quantas vidas Fifi ceifou. Os primeiros cálculos estimavam cerca de 10 mil mortos. Uma equipe da OEA (Organização dos Estados Americanos) calculou o número de mortos

entre três mil e cinco mil. Os danos materiais foram avaliados mais facilmente. Fifi devastou precisamente os 15.500 quilômetros quadrados que produzem a maior parte dos alimentos e produtos de exportação das Honduras, e onde está localizado o setor mais importante da indústria. Os prejuízos são calculados em mais de 200 milhões de dólares. Deste total, 112 milhões representam a destruição quase completa das plantações de bananeiras, que constituem 40% das exportações do país. Serão necessários dois anos para se voltar aos níveis de produção anteriores ao furacão. Dezenas de milhares de cabeças de gado morreram. Como a tempestade ocorreu precisamente na época das colheitas, a escassez de alimentos irá se fazer sentir durante meses. Cerca de 100 mil pessoas ficaram ao desabrigo.

Instituições internacionais comprometeram-se a subvencionar um pro-

grama quinquenal de reconstrução, que necessitará de, pelo menos, 600 milhões de dólares; mas a população das Honduras não ficou de braços cruzados. O país já está iniciando sua recuperação. Na madrugada do dia em que saí de lá, fui ao campo de refugiados perto de Choloma. Aos primeiros alvares da manhã, as pessoas começaram a sair das grandes tendas para o café-da-manhã. O taque-taque das mãos das mulheres fazendo tortilhas servia de «fundo musical» às conversas a meia-voz. Falava-se objetivamente de reconstrução, de trabalho. Precisamente ao nascer-do-sol, chegaram dois grandes caminhões. Tocaram as buzinas, e os homens do acampamento se dirigiram para os veículos, a fim de recomeçarem sua tarefa de tornar as estradas de novo transitáveis.

Um homem que ia pegar no trabalho voltou-se para mim, declarando: «Custe o que custar, sobreviveremos!»



MADAME de Stäel foi visitar Napoleão Bonaparte quando este morava na Rua Chantereine, e insistiu em vê-lo. O mordomo disse-lhe que o general estava no banho.

«Isso não tem importância», exclamou ela, «O gênio não tem sexo.»

«POR QUE a senhora não se decidiu a usar óculos há mais tempo?», perguntou o oculista, admirado, à senhora idosa.

«Porque só agora estou chegando à idade em que a curiosidade ultrapassa a vaidade», respondeu a cliente. — R. B.

INSTRUTOR à moça que, contra todas as expectativas, conseguiu a carteira de motorista:

«Para você, isso não é uma carteira de motorista — é uma licença de porte de arma.» — P. R.